

REVISTA OLORUN N. 87

Junho/Outubro de 2021

<https://olorun.com.br>

RESENHA: HISTÓRIAS DE BATUQUES E BATUQUEIROS, RIO GRANDE, PELOTAS E PORTO ALEGRE

Por Alexandre Custódio

Outubro de 2021

RESUMO

Evidenciando os pontos mais importantes sobre Batuque do RS, resenharemos o e-book “Histórias de Batuques e Batuqueiro, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre” publicado em setembro de 2021, pelos autores Denis Pereira Gomes, Jovani de Souza Scherer e Vinicius Pereira de Oliveira.

Analisaremos as novas informações apresentadas pelos autores, porém, sugerindo, que alguns dados seriam mais confiáveis e legítimos se fossem apresentadas fontes e referências necessárias ao rigor científico.

As citações serão apresentadas em itálico.

Palavras chaves: batuque, orixás, religiões africanas

## INTRODUÇÃO

A tradição oral não é uma folha seca ao vento; para que seja válida, é preciso dizer quem falou. Nesta resenha evidenciaremos alguns dados que, se viessem acompanhados das devidas fontes orais, como observa Vansina abaixo, teriam mais credibilidade.

Sobre a pesquisa de dados históricos baseados na tradição oral, precisamos observar a fala de J. Vansina, no artigo “A tradição oral e sua metodologia”, *História Geral da África*, V. 1, UNESCO, 2010, chama a atenção para os procedimentos científicos de um trabalho de pesquisa minimamente aceitável e legítimo. Diz Vansina na página 164:

*[...] Assim, cada trabalho deverá explicar como as tradições foram coletadas e fornece uma breve lista de fontes e informantes, que possibilitará ao leitor formar uma opinião sobre a qualidade da coleta, e compreender por que o autor escolheu uma determinada fonte, em vez de outra. Pela mesma razão, cada fonte oral deve ser citada separadamente no trabalho. O trabalho que diz: “...a tradição conta que...” faz uma generalização perigosa [...]*

Os autores analisaram a formação histórica das religiosidades de matriz africana no Rio Grande do Sul, no livro *Histórias de Batuques e Batuqueiros, para Batuqueiros*, propondo levantar questões para o debate.

Compilando relatos, documentos e informações sobre a origem e seus adeptos Batuqueiros, sugerem ao leitor a construção e formação religiosa da comunidade negra e a sua diversidade, sendo que em alguns momentos nota-se a carência de dados ou fontes.

A seguir veremos analisaremos o trabalho apresentando os pontos mais importantes, com comentários.

## CULTO AOS ORIXÁS NO RIO GRANDE DO SUL

Os autores esclarecem que as divindades cultuadas no Batuque possuem origem Ioruba (Nagô), mesmo na região do Benin, onde a influência ioruba é muito forte:

*[...]*

*orixás cultuados no Rio Grande do Sul são originários da cultura nagô, mas o culto de Nação Africana, como era denominado o "Batuque" até meados dos anos 60, possui também elementos da cultura Jeje, atual região do Benin [...]*  
*(pag 10)*

Este dado é público e notório, porém, para seguir as normas acadêmicas, seria normativo apresentar uma referência. De fato, até hoje não há registros de divindades Banto, tais como Nkissi ou Bakuros.

## AS SEMENTES DO BATUQUE: RELIGIOSIDADES AFRICANAS NO RIO GRANDE DO SUL

Citando Scherer, que também é um dos autores, que informam a formação dos primeiros escravos eram bantos:

*[...] Foram importantes centros econômicos, cidades negras que receberam grandes levas de africanos de diversas origens, inicialmente mais bantos (congos, cabindas, benguelas, cassanges, moçambiques) depois com a maior entrada dos iorubanos (minas, jejes, nagôs, haussás etc.) [...] (pag 11)*

Marilda Soares (2013) informa que eram assim denominados pelo porto ao qual se agrupavam antes da partida para o Brasil, agregando escravos de diversas etnias e localizações; assim sendo, os Bantos e Sudaneses são definições genéricas produzidas no contexto escravagista, e não refletem exatamente o local de origem étnica. (ver também Prandi, 2000).

## ALGUNS PERSONAGENS

Citando como fonte Marli Charão, os autores informam que Emilia Ladjá, sacerdotisa e ícone da tradição Oyo do Batuque, foi iniciada no Brasil, por sacerdotes Nagôs.

*[...]*

*Emília Fontes de Araújo, conhecida no meio batuqueiro como Princesa Emília de Oiá Ladjá, viveu entre os africanos na cidade de Rio Grande em data imprecisa (fins do século XIX, início do seguinte). A memória afro religiosa informa que teria sido criada pelo casal de "negros minos" Ozébio e Bibica e realizado sua feitura religiosa na nação Nagô; ..... onde deu origem à sua bacia religiosa na capital e passou a ser identificada como pertencente à nação Oyó. [...] (pag 24)*

Tal dado, entretanto, seria mais bem pontuado se informasse como os autores obtiveram este dado: se fonte oral ou escrita, onde e quando.

## A IRMANDADE DO ROSÁRIO DE PORTO ALEGRE

Sugerem os autores que havia reuniões de grupos bantos coordenadas por líderes bantos. Porém, para associarmos estas reuniões a uma manifestação religiosa, necessitaríamos de mais dados, principalmente, como os autores obtiveram a informação que se tratava de “reuniões africanas sob liderança de grupos de origem banto”:

[...]

*As danças proibidas pelo Vigário José Inácio, em frente e dentro da Igreja, e o candombe da várzea eram, aparentemente, reuniões africanas sob liderança de grupos de origem banto, mais antigos e estabelecidos em posições de liderança de suas nações. Assim, a Mãe Rita do início do século XIX lideraria um ritual com predominância de grupos da África Central (congos, angolas, benguelas), aberto a outras nações da África Ocidental (minas, nagôs, jejes, haussás) e Oriental (moçambiques), ainda pouco representativas na população africana de Porto Alegre, até, ao menos, meados da década de 1830 [...] (pag 30)*

A citação de uma fonte que as reuniões eram lideradas por grupos bantos, e que Mãe Rita lideraria tais grupos, é aqui necessária, para que não pareça opinião dos autores.

O Candombe é uma festa que ocorre no Uruguai. Não se trata da religião do Candomblé. O site Geledes publicou o artigo “O Candombe afro-uruguaio: por quem os tambores clamam”, uma manifestação afro-cultural semelhante ao Carnaval Brasileiro. (Ver Biblio)

Na segunda citação, os autores se referem a danças. Entretanto, mesmo que haja semelhança com a palavra Candomblé, os autores apresentam eventos culturais, e não religiosos.

## OS MINA E OS NAGÔ EM PORTO ALEGRE – AS NAÇÕES DA LIBERDADE

Os autores, buscando informações sobre as nações na formação das primeiras casas, no registram os iorubas em Porto Alegre.

[...]

*No Rio Grande do Sul, talvez ainda não consigamos estabelecer o peso de cada nação na construção das primeiras casas de batuque. Contudo, pode-se perceber como os africanos iorubás passaram a criar espaços para suas práticas religiosas procurando escapar da repressão e da tentativa de controle crescente das manifestações africanas em Porto Alegre [...] (pag 31)*

Embora seja amplamente conhecida a influência dos iorubas nas religiões afro-gaúchas, seria bem-vista a citação de uma fonte.

## A SEMENTE DO BATUQUE

Neste parágrafo os autores afirmam que Antonio Gululu não seria Antoninho da Oxum, como informa outro trabalho, mas sim, o pai de santo dele. Este é um dado novo de grande importância. Outro dado é que o Gululu seria de Xapaná, uma divindade ioruba, e não banto.

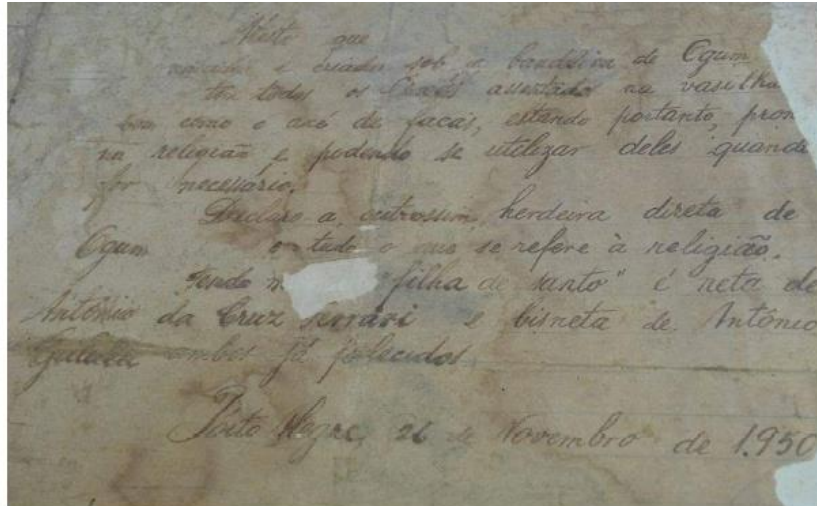
*[...] Segundo a tradição oral, no Beco do Poço teria vivido Antonio Gululu, uma importante referência para o Batuque até os dias de hoje, pois teria sido pai-de-santo de dois ícones do Batuque no século XX: Antoninho da Oxum (Antônio da Cruz Ferrari), da nação Oyó (de quem falaremos no capítulo sobre a Bacia do Mont Serrat) e de Waldemar de Xangô Kamucá (Waldemar Antônio dos Santos), da nação Cabinda (ver capítulo sobre o Areal da Baronesa). Porém, não se sabe maiores detalhes a seu respeito. Acredita-se que tenha nascido no continente africano e que era filho do orixá Xapanã. Já a palavra "Gululu" poderia ser tanto uma identificação étnica, como uma referência ao seu orixá pessoal [...] É importante ressaltar que Antônio Gululu não é a mesma pessoa que Pai Antoninho da Oxum, como já sugerido em outros estudos, pois Gululu foi, justamente, o pai de santo de Antoninho da Oxum. O documento abaixo, um certificado de apronte emitido por Pai Florentino do Ogum, informa a este respeito [...] (pag 46)*

Neste ponto os autores trabalham no campo das possibilidades:

- Que Antonio Gululu não seria Antoninho da Oxum, mas sim o pai de santo dele.
- Que Antonio Gululu seria do Orixá Xapanã.
- Que Antonio da Cruz Ferrari seria Antoninho da Oxum.
- Que Waldemar Kamuca teria nascido em continente africano.

Os autores precisam apresentar fontes e/ou referências exatas que comprovem tais sugestões, uma vez que estes dados podem mudar a história do Batuque.

Para tentar provar que Antonio Gululu não seria Antoninho da Oxum, os autores apresentam um papel antigo sugerindo que Antonio Gululu seria o pai de santo de Antoninho da Oxum, e que, portanto, seriam pessoas distintas, como podemos ver na imagem abaixo:



"Atesto que (NOME OCULTADO) nascidos e criados (sic) sob a bandeira de Ogum (sic) tem todos os Orixás assentados na vasilha bem como o axé de faca, estando portanto pronta na religião e podendo se utilizar deles quando for necessário.

Declaro outrossim (sic) herdeira direta de Ogum (sic) em tudo o que se refere à religião.

Sendo "filha de santo" é neta (sic) de Antônio da Cruz Ferrari e bisneta de Antônio Gululu ambos já falecidos."

PORTO ALEGRE, 26 DE NOVEMBRO DE 1950.

Sugerimos que na próxima publicação seja informada a origem deste papel, o nome ocultado e a assinatura de quem redige.

Embora não citado, poderia ser acrescentado os dados de Bolivar (2012): "A NAÇÃO OYÓ EM ALEGRETE UMA ETNOGRAFIA DO BATUQUE OYÓ", que registrou "um babalorixá chamado Antoninho Gululu de Yemanjá", o que abre duas possibilidades:

- Ou Gululu não seria de Xapanã, como dito pelos autores.
- Ou Gululu seria um codinome utilizado por mais de um personagem.

## A NAÇÃO CABINDA

Este talvez seja um dos trechos mais interessantes do trabalho, porque sugere uma semelhança na origem, partindo do pressuposto que Antonio Gululu seria o pai de santo de Waldemar, como também de Antoninho de Oxum.

*[...] Pai Antoninho da Oxum, antes de "passar para a mão" de Gululu, teria sido filho de santo de Mãe Deolinda do Xangô, e não de Mãe Donga, conforme*

*versão corrente (informações obtidas nas notas de pesquisa de Carlos Galvão Krebs) [...] (pag. 47)*

Para que esta informação tenha a credibilidade científica necessária, é importante que os autores apresentem as fotos das notas de pesquisa do Krebs, uma vez que somente os autores tiveram acesso, ou pelo menos, que mostrem como outros pesquisadores possam acessá-las.

*[...] São informações, aos ouvidos contemporâneos, que podem causar estranhamento. Mas são sugeridas aqui como elementos para o enriquecimento do debate sobre ancestralidade, central para a identidade batuqueira [...] (pag. 47)*

Neste ponto os autores confessam que os maioria dos dados apresentados são, de fato, sugestões e possibilidades, e não conclusão com dados cientificamente comprovados.

*[...] O interessante é que essas novas informações colocam uma origem comum do Oyó de Pai Antoninho da Oxum com a Cabinda de Pai Waldemar do Xangô, e que só fortalece a pergunta de quem foi, exatamente, Antônio Gululu? [...] (pag 47)*

De fato, todos os estudos apontam a origem da Kambina na religião e cultura ioruba, conforme os estudos de Wolff (2019).

Afirmam os autores que até 1940 não havia variação do nome Kambina/Cabinda..

*[...] Quanto à terminologia Cabinda, as fontes analisadas até o momento demonstram que, pelo menos até os anos 1940, não há variação significativa de nomenclatura dessa nação, ou seja, não existe outra forma de denominá-la que não seja cabinda ou canbinda. [...] (pag 47)*

Seria ótimo se os autores elencassem as fontes que teriam citado o lado religioso de Cabinda até 1940, como foi dito, e, que não ignorassem, que Norton registrou o termo Kambina ou Kanbini, nos anos 80/90, ainda que, por conta própria, a relacionasse com Cabinda, província de Angola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos finalmente que o trabalho é uma excelente leitura para os estudos do Batuque do Rio Grande do Sul, mas que poderia ser mais confiável se apresentasse as referências exatas das afirmações e dos dados novos apresentados.

Recomendamos o livro como leitura complementar não conclusiva, para que novas linhas de pesquisas possam ser abertas por pesquisadores futuros.

## BIBLIOGRAFIA

MARINI, Bolívar Schlottfeldt, A NAÇÃO OYÓ EM ALEGRETE UMA ETNOGRAFIA DO BATUQUE OYÓ, Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes, Curso De História, 2012, CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES CURSO DE HISTÓRIA, URCAMP.

SOARES, Marilda, Etnias e povos africanos na formação histórico-social do Brasil, Ano 4, Volume dez., Série 02/12, 2013, p.01-10. Acessado em 30/09/2021 às 13:10  
<http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2013/12/etnias-e-povos-africanos-na-formacao.html?m=1>

PRANDI, Reginaldo, Do Africano ao Afro-brasileiro, Revista USP, SP, nº 46, p. 52-65, julho/agosto, 2000, acessado em 08/10/2021 às 14:52  
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879>

## INTERNET

BIBLIOTECA DE RITMOS, Candombe, acessado em 06/10/2021.

<https://www.bibliotecaderitmos.com.br/ritmo/candombe/>

PORTAL GELEDES, O Candombe afro-uruguaio: “Por quem os tambores chamam”, PUBLICADO EM setembro 20, 2021, acessado em 08/10/2021

<https://www.geledes.org.br/o-candombe-afro-uruguaio-por-quem-os-tambores-chamam/>



MARINS, Luiz L. *Mitos Afro-Brasileiros Sobre Orixá Glt*, publicado no Blog Ilê Axé Nagô Kóbi, em 02/10/2021, acessado em 09/10/2021

<https://iledeobokum.blogspot.com/2021/10/mitos-afro-brasileiros-sobre-orixa-glt.html>

WOLFF, Erick. *Kanbina: Origens Iorubá e Continuidade no Batuque do RS*, Edição do Autor, 2019.